> Amiúdes cambiantes

> Frequent changes

por Guilherme Silva Cavalcante

Graduando em Letras Português - Alemão pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: guilherme.cavalcante@usp.br. Orcid: 0000-0002-1384-6713.

> Ensaio visual recebido em 07.12.2020 e aceito em 13.03.2021.

*Num campo de forças de torrentes e explosões,
o frágil e minúsculo corpo humano.*

Walter Benjamin¹

1. Fotografia e Amiúdes Cambiantes

O poema é um pêndulo que oscila entre a forma e o sentido² da mesma maneira em que a fotografia está para a oscilação entre a perspectiva e o sintoma. A perspectiva aqui evoca não só o ângulo específico que o fotógrafo propõe ao apreciador de sua arte, como também a dependência deste apreciador de uma distância e ângulo para que, atualmente, consiga se conectar com o mundo que lhe é exterior. Valendo-nos da teoria benjaminiana³ de modernidade, o empobrecimento da faculdade humana de intercambiar experiências impõe essa exigência, visto que fomos individualizados ao ponto de nos tornarmos indecifráveis uns aos outros. Amiúdes Cambiantes teoriza, assim, sobre como a interiorização do “eu” pós-moderno afeta no contato do indivíduo com a paisagem.

O outro lado da fotografia é o do sintoma. Lacan, em seus anos de escritas finais, universalizou o preceito de sintoma, retomado por Žižek⁴, apresentando a sintomatologia como a relação de tudo sendo sintoma de alguma coisa; consideramos aqui, especificamente, a arte da fotografia como sintoma da cultura em que ela é produzida. A fotografia seria, então, um artefato de captura e diagnóstico deste sintoma de decadência pós-moderna que “espreita por toda parte”⁵.

O ensaio *Amiúdes Cambiantes* é um compilado de fotografias que escrutinam este sintoma, oferecendo seu ângulo para salientar as condições que

¹ Walter Benjamin, “O narrador”, 2012, p. 195

² Paul Valéry, *Variété I et II*, 1924.

³ Walter Benjamin, *Op. Cít.*, 2012

⁴ Tim Dean, *Art as Symptom: Žižek and the ethics of psychoanalytic criticism*, 2002, p. 21-41

⁵ O excerto é uma referência a Tim Dean, que escreveu: “universalizing the symptom fuels the motive for diagnosis and interpretation, since symptoms are no longer localized and self-evident but lurking everywhere.” Tradução: universalizar o sintoma alimenta o motivo para o diagnosticar e interpretar, uma vez que os sintomas não são mais localizados e evidentes, mas espreitam em toda parte. *Ibidem*, p. 23. Tradução minha

pairam sobre o sujeito contemporâneo. As fotografias foram tiradas entre os anos de 2018 e 2020, nos estados de Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Figura 1
Guilherme Cavalcante, Curupah, 2018. Acervo do autor.

2. A interiorização do “eu”

Segundo Auerbach⁶, foram os decênios que cercaram os anos da Primeira Guerra Mundial responsáveis pelo início do processo de interiorização do indivíduo; somados ao período também constam a disseminação da informação suplantando a narração arcaica do “boca a boca”⁷ e a implantação da vivência autônoma de uma sociedade apoiada no meio de produzir contínuo e coisificado. Essas mudanças abruptas reformularam o modo de viver e seus espaços de convívios, o qual Antoine Prost esmiúça pensando na transgressão do espaço público para o privado:

É essa articulação entre o público e o privado que foi destruída pela urbanização recente. [...] A brusquidão do crescimento urbano se acentuou ainda mais com a crise habitacional [...] criam-se bairros totalmente novos, cuja população provém integralmente de outros lugares: ela é transplantada e realojada. [...] Seus moradores não só não possuem tradição, como também têm muitas dificuldades em criá-las: é uma população muito homogênea, pela idade e situação familiar. As pessoas de idade fazem uma enorme falta [...] sobretudo as senhoras de idade que transmitiam a memória do bairro, ditavam o convívio [...] mas como o bairro pode viver se, em determinadas horas, ele se esvazia de seus estudantes e trabalhadores?⁸

O trecho evidencia uma perda de tradicionalidade, um deixar a cultura à revelia, e, sobretudo, a incapacidade de transmitir as experiências. A experiência, segundo Walter Benjamin⁹, assumia um caráter corpóreo transmissível na velhice, mas a estetização dessa nova sociedade expurgou não só a ideia do eterno e de trabalho prolongado, como também afastou tudo que é associado à morte (vide a criação de asilos, casa de cuidados etc.). Não há espaços para a comunicabilidade da experiência, e, como em uma equação simples, isso resulta no desuso da faculdade de narrá-las. Chegamos, assim, no “ser” que não mais experiencia, somente vive.

⁶ Erich Auerbach, “A meia marrom”, 1998, p. 471-498.

⁷ Adorno, em “Posição do narrador no romance contemporâneo”, se debruça sobre o fim da arte de transmitir histórias pessoais da maneira “boca a boca”, a qual, como Benjamin também discorre, herdamos dos trabalhadores sedentarizados que contavam a história das nossas terras.

⁸ Antoine Prost, “Fronteiras e espaços do privado”, 1985, p. 60.

⁹ Walter Benjamin, *Op. Cit.*, 2012.

A falta da experiência impossibilita uma compreensão da totalidade das coisas. Desenvolvemos o fetichismo da mercadoria¹⁰ para além do que é considerado mercadoria; deixamos de saber, então, o processo fabril da realização de um produto, o sentimento de alguém alterno a nós e a completude da paisagem no processo cíclico humano. É por isso, por exemplo, que muitos autores do século XX nos mantiveram no ângulo da experiência diminuta, acompanhando uma representação de vida incapaz de ser onisciente, como, por exemplo, Kafka na relação da coisificação pessoal perante o trabalho, em *A Metamorfose*, Clarice Lispector na maioria das vezes esmiuçando a esfera da não-experiência imposta a mulheres, ou o poeta sulmatogrossense Manoel de Barros que se atrelou à natureza ínfima das coisas por negação à realidade industrial.

Assim, “[o] acontecimentos exteriores perderam por completo o seu domínio, servem para deslanchar e interpretar o interior, antes os movimentos internos serviam para a preparação e fundamentação dos acontecimentos exteriores importantes”¹¹. Mais uma vez, o indivíduo, mantido na sua limitação, perde no exterior o aspecto místico e influenciador das formas da natureza em sua vida, sendo assombrado pela imposição da paisagem e pela pergunta: “por que há o algo ao invés do nada?”

---

¹⁰ Karl Marx, *O Capital*, Capítulo I - Seção 4, 2017

¹¹ Erich Auerbach, “A meia marrom”, 1998, p. 480.

Figura 2
Guilherme Cavalcante, *Curupah*, 2018. Acervo do autor.

Figura 3
Guilherme Cavalcante, *Curupah*, 2018. Acervo do autor.

3. A imposição da paisagem

Tendo a vida articulada se desintegrado, o questionamento de Paul Claval, retomado por Lucas Cardoso do Espírito Santo¹² sobre a paisagem é: “como os seres humanos dão sentido ao espaço em que vivem, e num caminho de volta, como esse imaginário sobre o espaço – e o próprio espaço – orientam formas de viver”. Valemo-nos da ideia dessa relação em um contexto de separação do indivíduo com tudo que lhe é exterior. Assim, a incapacidade do contato dificulta um meio de congregar aquilo que se é com tudo que é para além desse “eu”, restando uma paisagem irreverente, que, empobrecida de misticismo social acerca do seu signo, não é fácil de ser reconhecida como algo significativo por um espectador pós-moderno.

Amiúdes Cambiantes é, por fim, um convite para refletir sobre a pequenez deste indivíduo, um empréstimo de ângulo que sugere o espaço do mesmo indivíduo perante um universo que lhe é alterno e que revela, por sua magnitude, quão frágil e minúsculo é o corpo humano.

---

¹² Paul Claval *apud* Lucas Cardoso do Espírito Santo, *Dialéticas do isolamento: as contribuições das obras e relatos de Ana Mendieta (1948-1958) para as categorias de gênero e subalternidade*, 2020, p. 19.

Figura 4 (à esquerda)

Guilherme Cavalcante, *Curupah*, 2018. Acervo do autor.

Figura 5 (à direita)

Guilherme Cavalcante, *frágil e minúsculo*, 2019. Acervo do autor.

Figura 6
Guilherme Cavalcante, *Curupah*, 2018. Acervo do autor.

Figura 7
Guilherme Cavalcante, *frágil e minúsculo*, 2019. Acervo do autor.

Figura 8
Guilherme Cavalcante, *Curupah*, 2018. Acervo do autor.

Figura 9
Guilherme Cavalcante, *frágil e minúsculo*, 2021. Acervo do autor.

Referências

- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2012. p.p 55-64.
- AUERBACH, Eric. A meia marrom. In: AUERBACH, Eric. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 471-498.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 195-221.
- SANTO, Lucas Cardoso do Espírito. *Dialéticas do isolamento: as contribuições das obras e relatos de Ana Mendieta (1948-1985) para as categorias de gênero e subalternidade*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020. p. 19.
- DEAN, Tim. *Art as Symptom: Zizek and the ethics of psychoanalytic criticism*. Project Muse, 2002.
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*, vol. 5. São Paulo: Companhia de Bolso, 1985. p. 13-99.

Referência para citação deste ensaio visual

CAVALCANTE, Guilherme Silva. *Amiúdes Cambiantes*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 558 – 570, maio 2021.